

**TRADUÇÃO**



## IDEOLOGIA E CONSENSO DO TRABALHO SOB O FASCISMO ITALIANO

*Luisa Passerini\**

A história oral, até recentemente, esteve envolvida em duas grandes batalhas com a tradição historiográfica. A primeira, claro, é a luta para assegurar a aceitação da validade de fontes orais para a história europeia, e para conceder-lhes a mesma importância que outras fontes. Entre os ganhos nesta frente pode-se mencionar a crítica a outras fontes, sem falar de uma série de trabalhos de história oral que têm, pelo menos, demonstrado o valor equivalente entre as fontes orais e outras fontes.<sup>1</sup> A segunda é a tentativa de alargar os horizontes da pesquisa histórica, tanto no sentido de incluir novas esferas da realidade, como, por exemplo, a vida cotidiana e as experiências de camadas sociais oprimidas e subordinadas, como de amplificar e clarear as metas e os objetivos políticos da escrita histórica<sup>2</sup>. Estas batalhas estão longe de serem ganhas, e ainda resta muito a ser feito no desenvolvimento de iniciativas já em curso. De qualquer modo, nestes dois campos a direção da pesquisa oral histórica é clara e o debate está bem avançado.

Estes desdobramentos da história oral e nossa consciência de suas falhas — que certamente não são poucas — exigem que empreendamos a tarefa de redefinir nossas metas. Eu gostaria de

---

\* Historiadora, professora de História na Universidade de Turin. Foi professora de História no Instituto Universitário Europeu em Florença. Tradução: Helen Hughes, professora emérita da Universidade Nacional Australiana e membro sênior do Centro de Estudos Independentes e Yara Khoury, professora doutora do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP.

<sup>1</sup> Ver Thompson P. "Problems of method in oral history". *Oral History*. 1973, vol.1, n. 4, p. 1-55.

<sup>2</sup> Ver Samuel R. "People's history", in: R. Samuel (Ed.). *Village Life and Labour*. London: Routledge, 1975.

sugerir que entre as mais graves imperfeições da história oral está a tendência de transformar a escrita da história em uma forma de populismo — isto é, substituir alguns princípios essenciais do conhecimento por uma democratização fácil e uma mente aberta pela demagogia. Um caminho como este corre o risco de construir a história oral como um mero gueto alternativo, onde os oprimidos terão, enfim, voz.

Para contrabalançar esta tendência que tende a um populismo complacente (e a descrição simples que lhe parece ser intrínseca) devemos elaborar maneiras de usar fontes orais que levem em conta duas exigências interrelacionadas. Primeiro, até agora temos feito um uso predominantemente fatual dessas fontes, e temos nos preocupado particularmente com algumas coisas como métodos de trabalho, relações entre pais e filhos, e a experiência de vida em comunidade. Isto de fato não é muito diferente do uso que se costuma fazer da maioria das outras fontes, pois não é suficiente. Não podemos nos dar ao luxo de perder de vista a especificidade peculiar do material oral e temos que desenvolver procedimentos conceituais — e de fato insistir sobre este tipo de análise — que consigam fazer aparecer todas as suas implicações. Acima de tudo, não devemos ignorar que a matéria prima da história oral consiste não só em declarações fatuais, mas é, eminentemente, uma expressão e representação da cultura e, portanto, inclui não só narrativas textuais, como também a dimensão da memória, da ideologia e dos desejos subconscientes.

A segunda consideração é que até agora nossa crítica em relação concepção positivista e historicista da história — ou pelo menos ao seu resíduo, como é representada em várias tendências conceituais — tem sido, por assim dizer, externa. Quer dizer, temos justaposto a história oral à tradição habitual da historiografia europeia. Esta crítica, porém, deveria necessariamente questionar o conteúdo das categorias desta última, e o uso das fontes que elas sugerem. O historicismo, inspirado pela tradição positivista, tem tido a chance de tomar emprestadas categorias interpretativas das ciências sociais, muitas das quais foram tomadas com a crença ilusória de que 'reproduzem' a própria sociedade.

Esta era concebida simplesmente como uma série de fatos determinados a serem descobertos e descritos, podendo ser, no entanto, construções parcialmente imateriais, como por exemplo, os códigos éticos e as crenças religiosas. Usando esta estrutura, então, o historiador trata as fontes como fragmentos em que o passado 'como realmente era' pode ser reconstruído.<sup>3</sup>

Ao procurar chegar a um acordo entre ambos problemas esboçados acima, eu considero altamente produtivo presumir que fontes orais se referem a, e derivam da esfera que eu escolhi denominar subjetividade. Com isto quero conotar a área de atividade simbólica como inclusa de aspectos cognitivos, culturais e psicológicos. Os termos usados para definir mais estritamente esta área geralmente são confusos e vagos devido a sentidos e diferenças sutis de ênfase que se sobrepõem e que estão vinculados a sua conceitualização típica, tais como mentalidade, ideologia, cultura, visão do mundo *Weltanschauung* e consciência. Comparada com estes, a subjetividade tem a vantagem de ser um termo suficientemente elástico que inclui os dois aspectos, tanto de subjetividade espontânea (*soggettività irriflessa*) contidos e representados por atitude, comportamento e linguagem, quanto de outras formas de consciência (*consapevolezza*) tal como sentido de identidade, consciência de si mesmo e outras formas mais destacadas de atividade intelectual. A importância deste termo, além disso, é que envolve não só a dimensão epistemológica, mas também aquilo que diz respeito à natureza e ao significado do político. Neste texto pretendo me referir apenas brevemente ao debate mais amplo implicado no uso destas categorias; acredito, no entanto, que seja muito importante que a escrita da história, hoje, leve em conta este problema da subjetividade e da liberação subjetiva.

Estas inquietações emergiram primeiro durante os anos 1920,

---

<sup>3</sup> Para uma crítica da história como mera reconstrução, ver, ex., G. Stedman Jones, "From Historical sociology to theoretical history", *The British Journal of Sociology*, 1976, vol. XXVII, n.3. E G. Mensching, *Zeit and fortschritt in den geschichts-philosophischen Thesen Walter Benjamin*, em P. Bulthaup (ed.) *Materialen zu Benjamins Thesen 'Ueber den Begriff der Geschichte'*. Frankfurt-am-Main, 1975.

nas reflexões teóricas sobre a revolução social e política (notadamente Lukacs, Korsch), mas seu caráter não se desenvolveu plenamente até o período de entreguerras. A fragmentação do movimento dos trabalhadores sob o fascismo e a derrota de suas esperanças em relação a uma liberação subjetiva — especialmente naqueles países onde formalmente tomaram o poder — constituem os elementos mais cruciais. Mas existem outras mudanças que começaram no mesmo período, especialmente nos anos 1930, como a crescente propensão de fatores políticos e econômicos intervindo na vida cotidiana do indivíduo, as quais também nos demandam reformulações. Durante os anos 1960, este problema chamou a nossa atenção, através de vários movimentos sociais; a juventude, o movimento das mulheres e das minorias étnicas e linguísticas. Todos, e de formas variadas (alguns até demonstrando de fato as políticas de reação), levantaram a questão da liberdade na esfera mental e pessoal. Vários processos históricos, incluindo o desenvolvimento de disciplinas intelectuais como a Psicologia, tornaram este aspecto do problema ainda mais relevante para nossas preocupações contemporâneas: qual o alcance e de que maneira a coerção acontece na esfera da subjetividade? Mesmo que acreditemos que a coerção sempre tem uma base material, o que leva os oprimidos a aceitarem a opressão em termos culturais e psicológicos, a ponto de enaltecê-la e preferi-la em lugar de qualquer luta por mudança?

Os eventos de 1968 marcaram o ponto no qual o problema eclodiu completamente e ficou visível. Ficou claro, na época, que as análises anteriores a respeito da história do movimento dos trabalhadores da Terceira Internacional, relativas à categorização e emancipação da consciência eram inadequadas: falharam ao examinar as transformações ocorridas nas estruturas, para satisfazer as necessidades dos trabalhadores e nos relacionamentos entre o indivíduo e o poder.<sup>4</sup> As pistas que conseguimos deduzir

---

<sup>4</sup> Sobre este assunto ver o interessante debate de F. Cerutti, D. Claussen, H. J. Krahl, O. Negt, A. Schmidt. *Geschichte und Klassenbewusstsein heute*. Amsterdam, 1971.

da realidade social, às vezes intuitivamente, através da disciplina de história oral agora precisam ser colhidas, selecionadas, organizadas e liberadas de sua ambiguidade. De fato eu considero uma questão de urgência política, enfrentando como de fato estamos fazendo, uma situação em que temos muito pouco conhecimento teórico em certos âmbitos, tais como a manipulação da informação ou as paixões de um grupo social, por exemplo, o da juventude, movendo-se da apatia para a violência e para o terrorismo. Também espero que, ao se dedicarem a estas questões, os historiadores sociais possam mostrar que a realidade subjetiva também tem sua própria história e um relacionamento multifacetado com o poder institucional.

Minha intenção neste trabalho é tentar contribuir para a discussão de um tema bastante controverso, especificamente a atitude da classe trabalhadora italiana para com o fascismo, usando uma seleção organizada de fontes orais. Estas representam, a manifestação de uma realidade subjetiva que nos permite escrever a história numa nova dimensão, desconsiderada pela historiografia tradicional. Isto evitará sua preocupação estrita de juntar fatos e sua omissão de explicitar a natureza política de toda a escrita histórica, apresentando, ao mesmo tempo no conceito de subjetividade, um instrumento de análise particularmente apropriado para a história social.

Não é fácil aplicar a uma classe trabalhadora que sofreu 20 anos sob o regime de Mussolini um estereótipo de classe direta e totalmente antagônica à ordem existente. Contudo, parte da historiografia do pós segunda guerra mundial tem revelado uma tendência a permanecer fiel à imagem de uma classe trabalhadora espontaneamente antifascista, indiscutivelmente leal às tradições dos trabalhadores recebidas de gerações passadas e não afetadas pela ditadura (Nota-se esta atitude especialmente na classe trabalhadora de Torino, com sua herança política de ocupações de fábricas, a experiência de conselhos de trabalhadores e a relação com o *Ordine Nuovo* de Gramsci).

Apesar da sua validade em certos níveis, essa historiografia nos dá a impressão de um núcleo antifascista ininterrupto presen-

te na classe trabalhadora, que vai desde uma oposição irreduzível e uma recusa de participar do fascismo, até uma habilidade incansável de abrigar organizações militantes antifascistas no exílio. Esta visão de fato corresponde a uma noção de continuidade sem conflitos entre a classe e suas organizações históricas; como disse, por exemplo, Luraghi:

os comunistas... sentiam uma retaguarda sólida e pronta, uma vasta reserva de forças da classe trabalhadora, inteira e claramente alinhadas em hostilidade contra o fascismo.<sup>5</sup>

Esta imagem, apenas insinuada por *qualche consenso*<sup>6</sup> (certo consenso) com a guerra etíope, impossibilita a compreensão da tragédia de uma classe operária a quem o regime corporativista negou até mesmo a denominação de classe.

Esta abordagem historiográfica parece tornar possível explicar as inúmeras falhas na atividade clandestina, somente com base em espíões e infiltração, sem se referir à base restrita e à natureza arcaica de tais tentativas, ignorando particularmente a necessidade da luta de classes.<sup>7</sup> Não tenho a intenção de desvalorizar estas formas de luta, que de fato foram uma preparação para a luta de massa da Resistência, mas devo assinalar os problemas reais do conflito contra o fascismo. Como escreveu S. Lunadei Girolami:

por meio de que processo de transformação subjetiva... a ação da oposição clandestina chega a ser uma atividade majoritária entre o proletariado de Torino em 1943, após sua negligência virtual em 1934?<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> R. Luraghi. *Momenti della lotta antifascista in Piemonte negli anni 1926-43*. Movimento di liberazione in Italia. Turin. 1954, p. 20.

<sup>6</sup> D. Zucaro. *Cospirazione operaia*. Resistenza al fascismo in Torino. *Milano: Genova, 1927-1943*, Turin, 1965, p. 183.

<sup>7</sup> Luraghi de fato enfatiza o ponto que os comunistas foram os únicos a elaborar formas legais de luta, como a participação nas organizações fascistas de trabalhadores.

<sup>8</sup> S. Lunadei Girolami. *Partito comunista e classe operaia a Torino 1929-1934*. *Annali della Fondazione Luigi Einaudi*. 1970, vol. IV, p. 162.

Por outro lado, no entanto, opositores contemporâneos ao fascismo admitem — embora aqui e ali nos tons triunfantes da propaganda política<sup>9</sup> — a existência de problemas sérios de indiferença, de apatia especialmente entre trabalhadores jovens, de uma falta de comunicação entre as gerações e de uma disjuntura entre a ação no nível econômico e suas implicações políticas. Um exemplo clássico é a análise de Togliatti, que realmente esclareceu e trouxe à tona, no final de 1934, o controle do fascismo sobre a classe trabalhadora. Ele sugeriu que a força deste domínio foi alcançada por meio da satisfação de certas necessidades básicas e elementares, que haviam sido ignoradas pelo antigo socialismo, tal como melhores condições materiais, assistência social, atividade cultural e esportiva:

Está na hora de parar de pensar que trabalhadores não precisam de esporte. Até mesmo os menores avanços materiais não são desprezados pelos trabalhadores. O trabalhador sempre procura cada pequena melhora de suas condições; até o fato de ter um quarto para se recolher à noite e poder escutar o rádio é algo para se alegrar. Não podemos criticar o trabalhador que aceita entrar naquele quarto, só porque na porta está inscrita a marca do fascismo.<sup>10</sup>

Togliatti também apontou para a possibilidade de que, apesar de suas fortes ressalvas, haveria, entretanto, uma adaptação progressiva dos velhos trabalhadores e dos núcleos políticos mais antigos ao fascismo, através do hábito e da rotina.<sup>11</sup>

Havia, portanto, em Togliatti, uma consciência da ambivalência resultante das necessidades materiais das massas e de sua propensão a serem manipuladas tanto numa direção revolucionária quanto na aceitação da satisfação parcial de suas necessidades

---

<sup>9</sup> Por exemplo, o periódico publicado pelos comunistas exilados em Paris. *Stato operaio*. alterna esses tons com visões mais realistas da situação.

<sup>10</sup> P. Togliatti. *Lezioni sul fascismo*. Roma, 1970, p. 108.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 113.

pelo fascismo e pelo capitalismo. Esta consciência certamente corria o risco de enfatizar, sem razão, a iniciativa do partido frente à inércia das massas, mas é fundamentalmente uma premissa essencial para se compreender a condição da classe trabalhadora sob o fascismo. A questão foi enfatizada por Wilhelm Reich quando indicou, por um lado, a ambivalência entre as estruturas passivas psicológicas e culturais historicamente condicionadas das massas e, por outro lado, as potencialidades latentes que surgem de suas necessidades 'reais'.<sup>12</sup> Este sentido de ambivalência, no entanto, foi perdido de vista no debate mais recente sobre o consenso sob o fascismo, que tem se referido — embora um tanto tangencialmente — ao envolvimento da classe trabalhadora.

Neste debate podemos ver uma recusa em admitir que a classe trabalhadora foi se submetendo a uma internalização de sua derrota por causa da coerção de sua subjetividade (consciência falsa), a qual seria facilmente admitida se fosse o resultado de uma coerção material. Ao nível da historiografia isto implica que não somos mais capazes de reconhecer que a derrota foi internalizada e racionalizada e, também, que havia bases subjetivas pré-existentes às quais o consenso sob o fascismo foi enxertado.

Esta falta de reconhecimento impediu-me, por muito tempo, compreender e ordenar sistematicamente as fontes orais, que eu havia coletado, sobre a classe trabalhadora de Torino entre as guerras. Hoje admito continuava a apresentar às minhas fontes perguntas que havia deduzido do debate existente sobre o consenso e o fascismo. Originalmente, eu atribuí as dificuldades principalmente à discrepância entre a história local e nacional, e entre o indivíduo e sua época. Estes problemas são acentuados pelo fato pesquisa ainda estar em andamento, e pelo fato de as amostras apresentadas aqui não serem completamente representativas da classe trabalhadora italiana durante o período de entre guerras. Neste trabalho tenho me valido das histórias de vida de uns 60 indivíduos, num total de 100 horas de entrevistas grava-

---

<sup>12</sup> W. Reich. Zur anwendung der psychoanalyse in der geschichtsforschung. *Zeitschrift für politische Psychologie und Sexualökonomie*. Copenhagen, 1934.

das,<sup>13</sup> que tenho comparado com cerca de 110 estórias de vida de trabalhadores, já publicadas.<sup>14</sup>

De qualquer modo, tenho antecipado um estudo mais amplo com esta análise, pois me ajudou a clarear orientações mais precisas para uma resenha mais definitiva sobre o tema. Espero que uma amostra maior e mais representativa não irá invalidar este trabalho em curso, já que as hipóteses estão principalmente relacionadas com os tipos de ideologias e mentalidades que declinaram ou emergiram durante o período em consideração. Neste sentido, penso que este trabalho tem algumas semelhanças com a Antropologia, embora a ambição seja de colocar a cultura da classe trabalhadora numa perspectiva histórica. Também é por este motivo que tenho dado preferência, ao escolher entrevistas a serem extensamente citadas, as que eu mesma conduzi, que incluíram algum tipo de observação dos participantes.

Esta amostra está composta por trabalhadores pertencentes a dois grupos de gerações: o primeiro inclui aqueles nascidos antes de 1910 e o segundo entre 1910 e 1925. Esta é uma distinção provisória, tirada da literatura existente sobre o tema das gerações e o fascismo. Todos os entrevistados masculinos tinham sido trabalhadores de fábricas pelo menos durante uma parte das suas vidas; este também era o caso de algumas mulheres. Algumas delas, no entanto, eram filhas, esposas, irmãs, mães de trabalhadores e/ou estiveram envolvidas no sistema de exclusão. Quase

---

<sup>13</sup> As gravações originais são parte de duas coleções: uma do Istituto de Storia, Facoltà di Magistero, Universidade de Torino (gravações pertencentes a essa coleção serão citadas com a abreviação ISM, seguidas de números e letras indicando sua localização no arquivo) a outra da Galeria de Arte Moderna de Turin (GAM). Na citação das transcrições a autora usou pseudônimos para garantir, como solicitado, o anonimato dos entrevistados. Seguem os principais sinais utilizados nas transcrições: ... suspensão, hesitação da voz; [...] partes cortadas na citação; -- expressões explicativas.

<sup>14</sup> Elas constam dos seguintes livros: E. Vallini. *Operai Del nord*, Bari, 1957; A. Pizzorno. *Comunità e razionalizzazione*. Turin, 1960; D. Montaldi. *Militanti politici di base*. Turin, 1971; P. Crespi. *Esperienze operaie*, Milan, 1974; A. M. Bruzzone/ R. Farina. *La Resistenza taciuta*, Milan, 1976; B. Guidetti-Serra. *Compagne*, 2 vols., Turin, 1977.

todos nasceram em Torino ou tinham imigrado durante a primeira metade dos anos 1930. Um pequeno número vivia e trabalhava em cidades menores perto de Torino Asti, Pinerolo. As estórias de vida foram coletadas em duas fases: a primeira, de narração livre, às vezes muito curta, de acordo com o desejo do entrevistado; a segunda, conduzida com base em perguntas gerais sobre atividades diárias, algumas do tipo '*O que você lembra do período antes da última guerra?*'

Este procedimento, procurando obter dos entrevistados a resposta mais espontânea, reduzindo ao mínimo as perguntas diretas, tem produzido material de fonte primária que certamente não é fácil de ser interpretada. Trouxe, particularmente, à tona respostas pouco significativas para qualquer historiografia que esteja predominantemente preocupada em estabelecer 'o que realmente aconteceu'. Numa primeira leitura as fontes deram respostas enigmáticas ao problema do consenso. Ficou claro que não sabia lê-las — no sentido de interpretar sua mensagem — e que não as entendia. Permita-me indicar aqui, brevemente, certa tipologia preliminar que formulei ao procurar interpretar as leituras, que, por um lado, tentava enxergar as fontes orais como afirmações precisas sobre certos fatos que necessitam ser desvelados e que, por outro lado, aceitava conceitos tradicionais de consenso e dissenso, baseados na sua total separação ou na confusão entre diferentes formas de subjetividade, e entre diferentes esferas, tais como a vida cotidiana e a política. Ao não avaliar criticamente as implicações operacionais de um conceito herdado da história, não foi possível obter nenhuma resposta satisfatória às minhas perguntas, e não estou me referindo a perguntas colocadas aos entrevistados na produção das entrevistas. Estou pensando nas questões que aparecem enquanto as entrevistas são analisadas. Fontes orais se recusam a responder certos tipos de perguntas; aparentando ser loquazes, no fim mostram ser reticentes ou enigmáticas e, como a esfinge [sic], nos forçam a reformular problemas e desafiam nossos hábitos comuns de pensamento.

De fato, recebi o que para mim foram respostas irrelevantes ou inconsistentes. Respostas 'irrelevantes' foram principalmente de

dois tipos: silêncios e brincadeiras. Anedotas e brincadeiras merecem um estudo especial: o sentido geral que transmitiam era de que existia uma atitude irreverente para com o regime e que esta era quase sempre rigidamente controlada.<sup>15</sup> Havia dois tipos de silêncios: (a) estórias de vida contadas na íntegra, sem qualquer referência ao fascismo, exceto algumas casuais, ao falar de outros eventos considerados essenciais para a vida da pessoa. Por exemplo, uma mulher contou como ela se encontrava com o namorado que estava preso numa cadeia para adolescentes:

Eles vinham à Via Passo Buole — existia o fascismo naquela época, sabe, e eles tinham que fazer seus treinos de ginástica — vinham à Via Passo Buole, aqueles rapazes, todos trajados para o treino, e assim nós íamos diretamente onde eles estavam. Porque sabíamos quem eram, quando olhávamos das nossas janelas.<sup>16</sup>

Ela parecia ser uma entrevistada com pouco ou nenhum interesse pela política. Um segundo tipo de silêncio se encontra em (b) entrevistas com uma pessoa que tinha alguma percepção da transgressão do poder institucional sobre suas vidas. As estórias de vida destas pessoas muitas vezes apresentam uma notável lacuna cronológica entre 1922-23 (até, no máximo, 1925) e o começo da Segunda Guerra. Beppino, nascido em 1897, um trabalhador de Lancia, que mais tarde se tornou gerente de uma fábrica menor, narra sua vida até o serviço militar e sua volta ao trabalho depois da Grande Guerra:

Depois veio a ocupação das fábricas e naquele momento eles, os trabalhadores em greve, entraram, entraram na Lancia, nos expul-

---

<sup>15</sup> Antigamente anedotas eram simplesmente consideradas como compensações simbólicas de impotência: cf. E. R. Tannenbaum. *The fascist experience, italian society and culture 1922-1945*. New York, 1972. cap. IX. Eles foram estudados como parte específica de uma cultura e de suas reações e mudanças sob o Fascismo.

<sup>16</sup> GAM. A entrevistada nasceu em 1919, em Veneto, emigrou para Turin em 1930; ela trabalhou em três pequenas empresas desde então.

saram e nos mandaram embora. Naquele tempo não havia todos esses prédios ali, mas campos, campos de verdade, então corremos para lá, nos separamos e depois voltamos para casa. Quando tudo isso acabou, voltamos a trabalhar e trabalhamos normalmente de novo. Bom, claro que a vida estava cheia de medo e ansiedade porque dentro da fábrica sempre havia todos esses fascistas que podiam apontar para qualquer pessoa. E depois quando você saía no fim do expediente sempre havia grupos de fascistas esperando e sempre surravam alguém, portanto sempre estávamos preocupados. Havia um cara que trabalhava perto de mim, que era o filho do gerente de pessoal e sempre tinha uma pistola na gaveta e como estávamos na mesma equipe, a pistola estava na gaveta perto de mim e não era nada bom; de qualquer maneira, continuamos assim. Depois começou o bombardeio, e quando as bombas começaram aqui, na Via Di Nanni, nós fomos bombardeados também, na casa onde eu morava.<sup>17</sup>

O que é extraordinário neste testemunho é que se refere, com a exceção da última frase, completamente a um período que não vai além de 1925. Com a última frase a estória de repente pula para a Segunda Guerra. Depois ele segue falando sobre o período do pós-guerra.

Até agora eu me referi às partes espontâneas das entrevistas. Quando questionados mais diretamente, os entrevistados geralmente lembravam o período da ascensão do fascismo ao poder, com todas suas atrocidades, às vezes por ouvir dizer, se na época eram muito pequenos, e a Segunda Guerra Mundial. A memória alcançou seu ponto mais alto em mais ou menos 1943-45: a resistência, a guerra e a libertação deixaram uma marca, embora às vezes negativa, como de desaprovação e medo:

No dia 25 de julho — diz um trabalhador — quando o fascismo caiu, eu estava na cama e ouvi as pessoas gritando. Fui até a janela para ver as pessoas nas ruas: estavam gritando, destruindo

---

<sup>17</sup> ISM, TO/SP/10.

os emblemas e derrubando os quartéis fascistas; voltei para a cama porque era melhor ficar longe deles, porque são todos hipócritas e todos haviam estado do lado dos fascistas antes e, de repente, estavam todos contra eles.<sup>18</sup>

Uma interrogação ainda fica para aqueles 15-20 anos entre 1922-25 e 1941-43. Sejam quais forem as justificativas, esta auto-censura é evidência de uma cicatriz, um violento aniquilamento de muitos anos de vidas humanas, uma ferida profunda na experiência cotidiana.

Respostas 'inconsistentes' são no sentido de que manifestam uma discrepância com o que são considerados os principais eventos e processos históricos. Os entrevistados falam muito pouco sobre qualquer forma de lazer organizado, quase não mencionam os sindicatos fascistas, parecem não lembrar nada sobre assistência e bem-estar social, etc. Em geral falam do emprego, do matrimônio e dos filhos, narrando uma vida cotidiana aparentemente indiferente ao fascismo.<sup>19</sup> Por outro lado, nota-se que até o conceito tradicional de antifascismo é muito estreito, se comparado com as questões que emergem das fontes orais.<sup>20</sup> Mas podem, tais discrepâncias serem interpretadas meramente como sinais da alienação do povo do fascismo? Ao contrário, eu acredito que se originam em formulações incorretas de problemas.

Irrelevâncias e discrepâncias não podem ser negadas e de-

---

<sup>18</sup> Antonio T. Nascido em Turin em 1911, cf. E. Vallini, *Operai Del nord*, p. 254.

<sup>19</sup> Essa discrepância foi evidenciada pelos documentos coletados para a exibição de Working-class culture and daily life in Borgo San Paolo (um bairro de Turin) no entre guerras. Ver o ensaio de G. Levi, D. Pianciola, B. Bianco, A. Frisa, M. Gribaudi, S. Cavallo, E. Gennuso, C. Savio. *Cultura operaia e vita quotidiana in Borgo San Paolo*. No catálogo da exibição. *Torino tra Le due guerre*. Turin, 1978, p. 2-45.

<sup>20</sup> Ver G. Miccoli, *Contadini Del cuneese e storia delle classi subalterne*. *Bolletino dell' Istituto Regionale per la storia del movimento di liberazione nel Friuli-Venezia Giulia*, 1977, vol. V, ns. 2-3, PP. 66-71; e M. Isnenghi, *Valori popolari e valori "ufficiali" nella mentalità del soldato tra Le due guerre mondiali*. *Quaderni storici*, 1978, n. 38, p. 701-709.

veriam ser entendidas como indicativas, em primeiro lugar, de que alguma operação importante teria sido esquecida pelo historiador. A história, como as outras ciências sociais, deve 'transformar os conceitos que traz, de fora, por exemplo, para dentro daqueles que o objeto tem de si mesmo, naquilo que o objeto, por si próprio, procura ser'.<sup>21</sup> Para fazer isto, às vezes, pode ser necessário realizar um desvio e tentar considerar esse sob um ponto de vista mais amplo. Fontes orais procuram ser consideradas como formas de cultura e testemunhos de suas mudanças através do tempo. Mas devemos nos esforçar para desenvolver um conceito de cultura que possa abraçar a realidade da vida cotidiana. Fontes orais começam a falar com mais clareza, até sobre consenso, no contexto daquelas 'suposições, respostas e noções fundamentais; em oposição a 'ideais públicos específicos, deliberadamente propagados', entre os quais Tim Mason inclui reverência pela família e pela religião.<sup>22</sup> Acrescentaria, pelo menos para o período em consideração, as atitudes para com o trabalho. A aceitação de relações de trabalho alienado, a troca aparentemente livre e igual entre trabalhador e patrão, envolve a aceitação internalizada de hierarquias sociais. Ideologias do trabalho, expressas tanto em pensamento quanto em comportamento, podem ser consideradas um dos principais canais de aceitação individual da autoridade, já existente no período do estado liberal [...].

---

<sup>21</sup> Ver ensaio de T. Adorno, em Th. W. Adorno, K. R. Popper, R. Dahrendorf, J. Habermas, H. Albert, H. Pilot. *The positivist dispute in german sociology*. London, 1976.

<sup>22</sup> T. Mason. *Women in Germany, 1925-40; family, welfare and work: conclusion*. *History Workshop*, 1976, n. 2, p. 32.